

A VERDADE

ORGAN CONSERVADOR

REDACTOR E PROPRIETARIO---BACHAREL THOMAZ ARGEMIRO FERREIRA CHAVES

ASSIGNATURA		Publica-se duas vezes por semana.	SANTA CATARINA LAGUNA	Numero avulso 100 rs. Publicações por linha 100 "	ASSIGNATURA	
Por anno 10\$000	Por semestre 5\$000				Por anno 12\$000	Por semestre 6\$000
Sem porte					Com porte	

Anno VI

Quinta-feira 20 de Novembro de 1884

N. 305

PARA DEPUTADO GERAL

B^{de}. THOMAZ ARGEMIRO FERREIRA

CHAVES,

Advogado, residente na cidade da Laguna.

Ao partido conservador

O directorio central do partido conservador do 2.^o districto, nesta cidade da Laguna, declara que, em vista das manifestações de adhesão que, de todas as localidades do districto, com excepção do municipio de S. José, apenas, tem recebido o sr. dr. Thomaz Argemiro Ferreira Chaves, é s. s. o candidato official do partido, pelo mesmo 2.^o districto, à eleição de deputado geral de 1 de Dezembro deste anno.

Cumpro o seo dever o directorio, fazendo esta declaração e peqando a todos os seus amigos e co-oligionarios que se unam para o triumpho do partido; sendo pue, si porventura for este derrotado, pela falta de união do eleitorado, o mesmo directorio faz, desde já, responsaveis, por essa derrota, aquelles que rebellarem-se contra o deliberação pela grande maioria do mesmo partido.

Laguna, 30 de Outubro de 1884.

Custodio José de Bessa

Manoel Luiz Martins

Antonio Fernandes Marques

Dr. Francisco J. L. Vianna

Luiz Pedro da Silva

Ernesto A. de Gôes Rebello

Thomaz A. F. Chaves

Augusto Frederico de S. Pinto

Venancio Fernandes Martins

Antonio Gonzaga de Almeida

A VERDADE

20 de Novembro de 1884.

BARRA DA LAGUNA

Temos deixado, por alguns dias, de continuar no empenho, á que nos dedicamos, pugnando pelo instante melhoramento da barra da Laguna, porque á isso nos forçaram circumstancias sanitarias que nos cercearam a liberdade de acção.

Hoje, porém, que cessaram essas occurrencias extraordinarias, continuamos a nossa defesa da momentosa materia de actualidade.

Dissemos que a Municipalidade tem tido sua culpabilidade, em não estar, hoje, realisada a abertura da barra e o melhoramento do nesso porto. Quando assim fallámos, não nos referimos só á actual, não; queremos fallar de todas as outras, que se tem, succedido, que não tem empregado os devidos esforços para o fim de que tractamos.

A' Municipalidade, como orgão de seus municipes, respeita o incargo de procurar-lhes os meios de beneficio commum, rasgando os véos que se antepõem á luz do progresso, fornecendo os elementos de vida, de que carecem os diversos ramos da sociedade. Isto posto, dever lhe era, tambem, impetrar do poder competente os recursos necessa-

rios, para que o seu porto, a sua barra recebessem o auxilio de que carecem, e a que tem direito, pelo muito com que corre a Laguna para a receita do Estado.

Somente á desidia dos nossos governos devemos o estado de inercia de muitas couzas, que, aliás, cuidadas, não seriam só um beneficio local; mas para todo o paiz, que auferiria, com vantagens resultado, o fructo de capitães estramente empregados, em obras de importancia real.

Mas de que cura o governo? De provar sua neutralidade no pleito eleitoral, destacando soldados para cathechese, collocando nas provincias delegados, que só tractam de inutilisar os adversarios, que lhes oppoem difficuldades á sua neutralidade politica—eleitoral.

Uma das cauzas da indifferença do governo, para com o melhoramento da barra, não é a falta de verba, chapa com que os ministros se desculpam quando lhes convem, não; é que a nossa força no parlamento não actúa na alavanca do governo. O nôsso elemento parlamentar é exíguo para dar azo ao governo de occupar-se com elle. Haja vista o que se tem feito com os portos do Ceará, Rio Grande do Sul, Maranhão, Pernambuco e outras cuja influencia e preponderancia politicas são naturaes e assustam, em, certas crises, aos governos.

Nunca o governo se lembra

de mandar remover o—Taboleiro—, da parte do norte da nossa provincia, que, alem de pouco dispendioso, é um serviço, indubitavelmente, realisavel, e de effeitos ou resultados incontestaveis, para a navegação e commercio da capital da provincia, ao passo que a barra do Rio Grande tem absorvido milhares de contos, sem resultado algum, nem ao menos uma esperanza lisongeira de possibilidade de aproveitamento d'esses custosos estudos até hoje feitos.

Em um paiz Europeu, quando tão facil fôra destruir um obice que se oppusesse ao ingrandecimento á prosperidade de um paiz, como a Hollanda, por exemplo, passar-se-hia por cima de todas as difficuldades, e dir-se-hia: faça-se o que é para bem commum; e lá, um bello dia, em vez do escolho que lhe intorpecia o o caminhar, vêria agora, o povo reclamante aplainada a trilha, seus desejos realisados, e um melhoramento mais, attestando a attenção dos poderes governativos.

L. V.

(Continuar-se-ha).

Acha-se fora da cidade, o Redactor desta folha, o Dr. Thomaz Chaves, e por isso, o editorial, de hoje, vai assignado por L. V.

VARIÉDADÉ

A moda

O «high-life» moderno é muito diferente daquella ter.ivel aristocracia medievá, que se batia a golpes de durindana nos campos das cruzadas.

Os barões, os viscondes e os marquezes de hoje não primam, como os de outr'ora, por famosos biceps e amplas caixas thoraxicas.

A mulher dos nossos tempos é porventura a Phryréa grega que com o magico poder da belleza, arranca a absolvição do Areopago; ou a orgulhosa romana que ao lado dos herões, no amphitheatro de Flavio, juncava de flores a arena dos gladiadores; ou a castelã poetica e divina, pela qual se batiam os paladinos ardendo nas chammas do mais puro amor ideal; ou a heroína franceza de oitenta e nove, ou a ridícula «merveilleuse» do Directorio?

Mucio Scaevola, como os leitores sabem, trazido á presença de Porcena, querendo mostrar ao orgulhoso etrusco que não temia a morte, queimou stóicamente a mão nas labaredas de um fogareiro. A historia registrou o facto, e Scaevola figura na lista dos herões. Nos tempos que correm, se um Scaevola qualquer fizesse o mesmo em alguma audiência de juiz de paz ou de subdelegado, diriam os circumstantes:

—Coitado! Está louco!

E no dia seguinte os jornaes annunciariam sob a rubrica—acto de loucura— que elle havia sido trans-

portado para o Misericórdia, e que o seu estado era gravissimo.

Tudo quanto fica dito tem por fim mostrar que as idéas mudam de rumo, e que neste mundo sub-lunar não ha nada que não esteja sujeito aos caprichos e extravagancias de uma dousa, chamada—a moda.

A moda!

Physica e moralmente subordinamo-nos ao seu culto com o servilismo vergonhoso e inconsciente de um fakir.

Usam-se cinturas finas, pés pequenos, olhos grandes, cabellos louros, ou pretos...

Emfim o artigo vai ao ponto de transformar-se até o proprio corpo!

Estou á espera do dia em que se decreta o seguinte:

—Estão em moda os narizes grandes.

Com que prazer eu não passeia-rei pela rua do Ouvidor, na hora em que os idéas dos petas povo-am os armarinhos, e «dandys» entulham as confeitarias!

Então ninguém mais epi-grammas ao meu pobre nariz.

As moças, vendo-me passar, di-rão:

—Que bonito nariz!

—Na verdade, é esplendido!

E referindo-se a um objecto de moda, é bem provavel que acres-centem:

—Como é «chique»!

—Como é «pschutt»!

As despeitadas, isto é, as que possuem esses narizes pequeninos que occultam-se vergonhosos por

entre as bochechas, dirão:

—Bem mal empregado! N'uma cara tão feia!...

Ou então:

—Ora, não é tão bonito como di-ziam. É muito grosso e direito. Os narizes que se estão usando agora são finos e tortos para um lado. Na-riz «chique» é o do Dr. B.... Aquillo sim é que é nariz!

Por amor da moda, além do ri-diculo, soffrem-se resignadamente as maiores torturas.

Que o digam as senhoras gordas, que já passaram a idade das illu-sões mas que procuram illudir os outros, illudindo-se a si proprias.

A gente as vê de cintura fina, e mal sabe o que custou-lhes a-quillo!

Se as criadas pudessem escrever este topico do meu artigo, desven-dando os mysterios do «boudoir», propalariam que as suas amas quan-do se vestem, só sabem dizer-lhes o seguinte:

—Aperta.

—Aperta mais.

—Aperta mais um pouco.

—Não está ainda bem apertado.

Prepalariam mais que ellas sa-hem de casa de mau humor, e que, ao voltarem, correm logo para o quarto e dizem-lhes:

—Tira, tira, este maldito collete, que estou que nem posso.

Se as gordas procuram imitar ás magras, estas por seu turno tratam de igualar aquellas, como a rã da fabula, inchando com «puffs» e anquinhas.

A moda, felizmente, fornece sem-

Beaulieu com enternecido respeito.

Sabia que a perda da causa era irre-mediavel. Não era mais possivel appellação alguma. A desdenhosa incuria da marquez permittira aos adversarios tomar serias vantagens e d'ahi em diante a luta era insustentavel.

—É bem raro que a nma desgraça não succeda outra, proseguir a marqueza. Deve ter mais alguma noticia má a communicar-me: Bachelin. Diga-me tudo de uma vez, continuou com sorriso resignado. Creio que não poderei ter, des-gosto maior que este.

—Quizera compartilhar essa confian-ça, Sra. marquez. Não me seria tão do-lorosa o que tenho ainda a dizer-lhe. Mas, conheço a delicadeza do seu cora-ção, e temo que das duas infellicidades a da perda da fortuna lhe seja a menos sensível...

A marquez empallideceu, e extrema-

pre ao bello sexo esses e outros re-cursos.

Outr'ora havia os balões, que da-vam ás mocas o aspecto da campai-nha da camara dos deputados, ou a fôrma de um 5, quando vistas de perfil, como espirituosamente ob-servou José de Alencar em seu «Rio de Janeiro, Verso e Reverso».

Hoje temos a anquinha e o puff. O que virá amanhã! Santo De-us?!

Os homens pagam á moda tribu-to ainda mais pesado, que vós, que-ridas representantes do bello.

Os nossos avós trajavam casaca azul com botões dourados, calça de ganga, sapatos de duraque com biqueira de verniz, camisa com bordados, fôfos e bicos de sinhá An-ninha, colete de seda de ramagens, berloques na cadeia do relógio, cha-péo branco, luvas de seda e ben-gala de unicornio.

Era nessa «toilette» que elles iam applaudir a «tenuta» da «Casta Di-va» da Norma, suspirada pela Can-diani; que iam ouvir das galerias da Cadeia Velha o verbo inspirado de Maciel Monteiro; que acompa-nhavam as procissões e extasiavam-se nos templos com os arroubos da rethorica revolucionaria de Monte Alverne.

Os nossos pais vestiam-se ainda mais extravagantemente.

Cobriam-lhes a parte superior do corpo, ou antes quasi todo o corpo, enormes sobrecasacas que poderi-am, em caso de necessidade, ser-uir-lhes de sobretudo.

Desenhavam-lhes os contornos das pernas calças esguias, em fôrma de ampolheta, curtas, não tanto

agitação se apoderou d'ella. Pareceu-lhe presentir o que ia dizer-lhe aquelle homem de confiança, aquelle amigo, e, incapaz de conter-se:

—Tem noticias do duque de Bligny?

—Fui encarregado pela Sra. marqueza de informar-se da vida e dos actos do seu sobrinho. disse o tabellião com leve desdem, muito característico em tão fer-voroso adorador da aristocracia. Segui á risca as suas instrucções. Eis o que me foi transmittido:

O Sr. duque de Bligny está em Pariz ha seis semanas.

—Ha seis semanas? repetiu a marqueza com pasmo. E nós que o ignoráva-mos?

—O Sr. duque deve ter-se acantelado de o dar a saber...

—E não veio? E não vem ainda, co-nhecendo a desgraça que nos fere? Por-que elle conhece-a, não é verdade?

FOLHETIM

GEORGE OHNET

O GRANDE INDUSTRIAL

II

mais dolorosa das confissões.

A marquez mordeu os labios, uma lagrima brilhou-lhe entre os cilios e de-pressa foi secca pelo fogo que lhe subio ao rosto.

Bachelin, consternado, começou a pas-seiar apressado de um para outro lado do salão. Esquecera todo o respeito. Não se lembrava mais da reverencia de-vida ao lugar em que estava. Arrastado pela emoção, gesticulava como quando estudava uma causa no seu gabinete e dizia.

—O processo foi mal começado!...

Estes procuradores são uns asnos!... E então para pedir dinheiro!... Não fazem senão escrever: «é tanto»... Res-ponde-se-lhes, lêem a carta, e... «é mais tanto»... Se ao menos o marquez me tivesse consultado! Mas, estava em Pa-riz. Demais o seu advogado aconselhou-o mal...

São uns asnos também os taes advo-gados de Pariz... A esperteza d'elles é só para gastar papel sellado!

Parou bruscamente, e dando uma grande palmada nas mãos:

—Eis um golpe terrível para a casa de Beaulieu!

—Terrível, com effeito! suspirou a marquez, pois que é a ruina de meus filhos! Será preciso pelo menos dez an-nos de economias para que na minha fortuna se restabeleçam as finanças...

Bachelin cessára de passeiar. Volta-ra-lhe a calma e agora ouvia a Sra. de

como as de hoje, mas o sufficiente para que deixassem ver os canos das botas de verniz, que eram encarnados, amarelllos, verdes ou roxos, segundo a predilecção chromica do «dandy».

Os chapéos tinham a copa baixa, e a aba larga e chata como a parte superior de um prato, e eram conhecidos pelo nome de «Cartijós».

Os coletes de pellucia de cores variegadas, ou de fustão branco com golas de seda tambem de todas as cores, eram presos por enormes botões chatos de madreperola, dispostos em duas linhas paralelas.

Os nossos pais assim vestidos apresentavam o aspecto risonho da palheta de um impressionista: nas extremidades o branco e o preto, no centro a gradação dos amarelllos, encarnados, azues, verdes, terras... todos os tons, enfim, que dão a luz e a sombra.

Era um gosto vellos ora nas cadeiras do defunto Provisorio aplaudir a La-Grúa, o Tamberlick, a Chatten, o Gentili, e tantos outros; ora no S. Pedro d'Alcantara, divididos em dous partidos—«Orsatistas», e «Montanistas»—cobrir de flores ou patear a Jesuina Montau ou a Orsat; ora a trote em soberbos cavallos de raça, pela poetica enseada de Botafogo; ora ensaiando os primeiros passos da «schottisch» nos grandes bailes do Pavilhão, etc., etc.

E nós?

Sim, nós como nos vestimos?

Temham paciencia, leitores, venham todos comigo e miremo-nos em um grande espelho.

Com franqueza, somos ainda mais ridiculos que os nossos avós e o nossos pais.

Elles não usavam pastinhas.

Não traziam estes paletós curtos, apertados, hermeticamente abotoados, deixando ver apenas a ponta do collarinho, que quasi nos asphyxiava, nem vestiam estas calças que descobrem-nos as canelas, e em prestam-nos o «sans façon» de quem dispõe-se a entrar em um brejo para apanhar «guayamús».

Olhem para o espelho.

Que linha desagradavel!

Se somos magros temos a configuração de um agulheiro.

Se somos gordos, o nosso aspecto é de uma laranja selecta sobre dois palitos.

E o que dizeis dos nossos pés, a crescerem folgadoamente a umas botinas compridas e bicudas, quasi sem saltos, com duas ordens de solas dentadas, que assemelham-se a boca de um jaearé. ?

A linguagem que falamos, com bastante pezar dos puristas, tambem está sujeita aos caprichos da moda.

Outr'ora dizia-se a um sujeito bem trajado:

—Bravo, como vai na «puba».

Ou então:

—Está no «tringue».

Ou, como dizem os nossos irmãos d'além-mar:

—Vai todo puchado [à] snstancia.

Hoje as phrases consagradas são:

—Como está chique! Como é pschutt! etc., etc.

Finalmente até as folhas e as flores, as poeticas flores, obdecem aos caprichos da famosa deusa, que abraça os favoritos até esmagal-os!

Outr'ora viam-se os jardins povoados de malmequeres, de bocas de leão, flores de cera, e mangerições em symetricos canteiros, orlados de conchinhas e fundos de botijas.

Hoje sobre verdes taboleiros de gramma figuram as begonias, as cinerarias, as azaléas, uma quantidade infinita de flores e folhas que os nossos antepassados não conheciam, e já nem ha lugar até para a desditosa arruda, com que se benzião os cobreiros e os mãos olhados!

França Junior.

NOTICIARIO

Cumulo da perversidade

A Patria de Montevideo conta assim um horroroso crime, commettido em Paysandú, no lugar denominado Cerro:

«Juan Paz, Oriental, foi á casa de Maria das Dores, Brasileira, pedir o que comer e depois de servido levanta-se de repente e dá uma facada em Maria das Dores que cabe morta.

Juana Amarillo, Oriental, amedrontada, corre e é perseguida por Juan Paz que a assassina.

Amancio, filho de Juana e sobrinho de Juan, de 9 annos, corre tambem, mas é preso por Juan que

lhe diz: «Si te deixo vivo llegaria a ser descubierto y seria ni perdido».

E assassinou a criança.

Em seguida, quando chegou junto dos cadáveres de Maria e Juana, tomou uma caneca de folha, encheu-a de sangue de suas victimas e misturou-a com cachaça dizendo:

«Con este trago tendré mas coraje para resistir á la policia si asi se atrever á prender-me.»

Não satisfeito com tantos crimes, Juan tomou um saquinho com dinheiro que estava aos pes de um pequeno Santo Antonio, cuja imagem quebrou em mil pedaços e depois dirigiu-se a Maria Luiza Vesitacion, menina de 11 annos, filha de Maria das Dores, e lhe disse:

«Te voy a llevar en el anca de mi cavallo, pero si hablas y me descubres te mataré tambien. Si algo viene te hablaré que soy tu padre.»

Depois dirigiu-se para o matto-porem antes de chegar alli Paz disse que ia a uma caça de negocio tomar mais bebidas.

A menina, vendo o estado de embaraço de Paz, atirou-se sorratamente do cavallo e fugiu até a casa dos brasileiros Brazil e Irmãos, onde foi recebida generosamente.

Foi prevenida a policia que tomou serias providencias, afim de prender a terrivel fera.

Milagre

A Gazetilha, da cidade de Alagoas, refere o seguinte:

«N'uma dessas noites da semana passada, vindo para esta cidade o trem da estrada de ferro central, quando chegára ao lugar denominado Baxinha—casualmente parou.

Examinou-se todo o machinismo e não se descobriu a cauza daquelle subita paralyzação, pelo que o machinista recuou, fez nova carreira, empregando muito mais força.

Chegou o trem no mesmo lugar, repete-se o phenomeno, e a surpresa é grande.

Novo exame, e nada de descobrir-se ainda a causa.

A noite estava escura, e alguém lembrando-se de examinar além o leito da estrada, divisou, e não muito distante, um volume, que examinado era uma pobre criança envolta em pannos, e cuja cabeça estava assentada sobre o tri-

ho que a devia esmigalhar!

Misera e desnaturada mãe!

Ditosa criancinha por quem velou a Providencia de um modo tão extraordinario, que despertou de um estrangeiro, empregado da estrada, o mais vivo interesse pela mesma, procurando logo uma pessoa que se encarregasse de criá-la.

Ignoramos o nome da cavalheira que se incumbio dessa obra tão meritória. A criancinha acha-se na povoação de Ferrão Velho.»

O governo inglez, comprou por 800:000\$000 da nossa moeda o quadro de Raphael: *Nossa Senhora com S. João Baptista e S. Nicoláo*, que existia em Londres no palacio de Blenheim, na collecção do duque de Malborough.

Segundo telegramma de Londres, publicado no *Paiz*, houve ali uma imponente manifestação do povo inglez contra a camara dos lords. Uma reunião de cerca de 100,000 pessoas pedia a suppressão da referida corporação.

Constava na corte que os candidatos á deputação geral pelo partido conservador, no municipio neutro, são os sts:—dr. Venancio Lisboa, no 1.º districto; dr. Fernandes do Oliveira, no 2.º; dr. Ferreira Nobre, no 3.º.

A nossa industria no estrangeiro

A «canna» ou «rhum branco» do Brazil, diz o Dr. Mentegazza no «II Médico» de Milão, é um dos licores mais salubres, mais exquisitos e comtudo muito muito desconhecido na Italia. Acredito ser a «canna» superior bebida alcoolica e somento igual ao rhum da Jamaica ou cognac bastante velho; aquece, fortifica e excita a pelle á uma salutar transpiração.

Temos tantos vapores genovezes que vão ao Brazil todos os mezes, acrescenta o mesmo doutor, porque não nos trazem a «canna» para tornar a popular? Reputa-se como a melhor a «canna de Paraly» e uma outra de Pernambuco introduzida ha pouco no mercado com o nome do proprio fabricante «canna Lanatte.»

As riquezas não reclamadas

Conta-se uma historia de um indio velho que era bem vindo por todos os que o conheciam; mas que passou uma vida miseravel, mendigando.

Um homem bondoso que o conhecia muito bem, perguntou-lhe em uma occasião o que era aquillo que trazia ao redor do pescoço. Respondeo o indio que era um feitiço para desviar os espiritos malignos e as molestias. Abrindo o envolvero de couro em que estava envolvido o feitiço, viu-se que era uma baixa regular do exercito revolucionario concedida a favor do Indio e um certificado escripto por Jorgo Washington que lhe daria uma pensão todos os annos e os soldos de muitos annos passados.

Elle julgava-se pobre, um mendigo miseravel e ali havia uma fortuna para elle,

Assim nós vamos indo, As promessas da palavra de Deus são dignas dos principes, e nos poderão tornar reis e sacerdotes, e filhos de Deus. Mas: apesar disso, vivemos em pobreza muito estreita.

Procuremos, pois, os nossos haveres não reclamados, para herdarmos as promessas.

Sob o titulo *No papo do gato*, conta uma folha franceza e seguinte:

«Um sujeito de Nice, que professa ao mesmo tempo o culto de belleza e a religião do dinheiro, seduziu ha tempos uma rapariga daquela cidade.

«A infeliz, vendo-se grávida, exigiu que o amante lhe valesse com algum dinheiro.

«O D. Juan safou-se de Nice immediatamente e foi esconder-se em uma casa de campo.

«A rapariga tanto procurou que deu com elle. Seguiu-se uma explicação calorosa, que terminou de um modo originalissimo.

«A victima, desesperada com a fúria do amante, atirou-se da elle cheia e furia e com uma

dentada cortou-lhe uma orelha.

«Minutos depois apparecia o medico, que fóra chamado a toda a pressa.

«Quando, porém, se quiz soldar a parte mutilada, não se pôde encontrar a orelha, que havia cahido para o chão.

«Suppõe-se que a comeu um gato, que passava pela sala durante scena.

«O caso já deu origem a uma cantiga, que se vulgarizou rapidamente em todos os bairros de Nice.»

Vai ser emittido novo typo de estampilhas da taxa de 10\$, tendo quarenta millimetros de comprimento e vinte de largura.

Na parte superior da estampilha estão as palavras—Imperio do Brazil—em letras romanas brancas, em duas curvas, logo abaixo e em um almofado o valor—10\$—em algarismos e duas linhas brancas e entre dous filetes verticaes. No centro está a effigie de Sua Magestade o Imperador, em tres quartos e dentro de um circulo de perolas, sendo o fundo traçado por linhas rectas paralellas.

Na parte inferior e em uma almofada está a palavra—Réis—em letras romanas brancas, entre dous filetes verticaes, e logo abaixo a palavra—sellos—em letras romanas brancas entre duas estrellas em uma curva.

O fundo das almofadas é composto da repetição da palavra—Brazil—em letras microscopicas. O fundo não occupado pelo valor e pela palavra—Réis—é feito de linhas ondeantes cruzadas a traço branco.

O todo da estampilha é ornamentado e de cor roxa.

Acha-se entre nós, vindo do Tubarão, pela estrada de ferro, Frei Luiz Cimitile, missionario apostolico capuchinho enviado para esta provincia, conforme já noticiamos, para iniciar os importantes trabalhos da catechese dos selvagens existentes nos nucleos colonias

Cressiuma, Urusanga, e Azambuja, no centro do Tubarão.

Consta-nos que Frei Luiz, depois de ter colhido algumas informações dos colonos d'aquelles logares, deliberou fixar provisoriamente a sua residencia no nucleo colonial Urusanga, lugar justamente onde os bugres tem exterminado maior numero de colonos; seguindo, agora, porém, no proximo vapor para a capital, a fim de entender-se com S. Ex. o Sr. Presidente da provincia, sobre certas medidas que para semelhante fim se tornam mister; pelo que estamos certos que S. Exa., não deixará de com toda justiça attendel-o.

A missão de que se acha incumbido Frei Luiz, é importante, difficil, e muito espinhosa; requer estudo, tempo e paciencia evangelica.

Dezemos a S. Paternidade, uma prospera e feliz viagem.

MOVIMENTO DO PORTO

ENTRADA

Dia 11 de Novembro

Desterro—Hiate nac. «Oscar» m. Antonio Manoel da Silva Tavares, ts. 17, eq. 2 em lastro

Desterro—Hiate nac. «Virginia» m. João Laurindo dos Santos, 21 ts., eq. 2, em lastro.

Desterro—Hiate nac. «Andorinha» m. José Nocetti, 27 ts., eq. 4 em lastro

Dia 16

Desterro—Hiate nac. «Lagunense» m. Luiz Alves Setubal, 61 ts., eq. 4 em lastro.

Desterro—Hiate nac. «São José» m. João Claudino Alves 21 ts., eq. 2 em lastro

EM FRANQUIA

Dia 12

Desterro—Hiate nac. «Espirito Santo» m. Manoel José de Jesus, 38 ts., eq. 4, com carga

Desterro—Hiate nac. «Candonga» m. José Agostinho Fernandes 23 ts., eq. 3 carregado

Desterro—«Astro» m. Manoel Domingues Fernandes 21 ts., eq. 2 carregado

Desterro—Hiate nac. «Bomfim» m. J. Antonio de Farias, 13 ts., eq. 3 carregado

ANNUNCIOS ESPECIAES

Publica-se nesta secção a razão de 2\$000, mensalmente, cada annuncio que contiver até 10 linhas: o que exceder desse numero será publicado pelo que for convencionado.

Aos srs. assignantes que não satisfizeram, ainda, a importancia de suas assignaturas rogamos o obsequio, de mandar fazel-o, no mais breve espaço de tempo, pois temos compromissos a attender.

ANNUNCIOS

PHARMACIA

E DROGARIA DE

MANOEL L. ARANHA DANTAS

Este bem conhecido e acreditado estabelecimento acaba de receber, directamente da corte, um grande variado e completo sortimento de:

Todos os legitimos productos applicados na medicina;

Especialidades anti-syphiliticas;

Preparados Ingleses, Francezes, Americanos e Nacionais; Perfumarias, sabonetes, chocolates, etc;

Fundas de todos os systemas, Ventosas, Mamadeiras, Seringas de gomma e de vidro;

Estoijos para injeções contra o veneno ophidiano e o competente permanganato de potassa;

E outras muitas, boas e escolhidas drogas que

VENDE

COM GRANDE E ADMIRAVEL REDUÇÃO DE PREÇOS

Praça do Conde d'Eu n.º—53

LEILÃO

10-A' RUA DA PRAIA N.º-10

no dia 23 do corrente, constando de Fazendas, Armazinho e muitos outros artigos, que poderão ser examinados pelo comprador, no dia do leilão. Principiará ás 11 horas da manhã, em ponto, e será tudo vendido ao correr do martello, na casa do

GABRIEL FARACCO.